ROBERTO RODRIGUES

A FAO e a fome

NÃO CIRCULA

Em maio realizou-se em Hannover, na Alemanha, o Congresso Mundial de Fazendeiros, sob a liderança da Federação Internacional de Produtores Agrícolas. O assistente do diretor-geral da FAO, Hartwig de Haen, apresentou as propostas da entidade para dar seqüência às decisões da Cúpula da Alimentação de 1996 em Roma, quando 180 países se comprometeram a reduzir o número de famintos do mundo – 800 milhões – para 400 milhões até 2015.



Para isso seria preciso que os carentes de alimentos diminuíssem 20 milhões por ano: a redução anual tem sido de apenas 8 milhões.

Desde meados dos 60 até agora, cresceu 20% o suprimento mundial de comida por pessoa, embora a população tenha aumentado 70% no período. Nesse período, o número de pessoas com fome nos países em desenvolvimento caiu de 960 milhões para os 800 milhões citados.

A taxa do crescimento demográfico vem caindo: hoje nascem 80 milhões de indivíduos por ano; em 2015 serão menos de 70 milhões – todos nos países em desenvolvimento. A distribuição da renda não deverá melhorar; o maior crescimento econômico nos países mais ricos deverá agravar o *gap* entre eles e os mais pobres. Questões ambientais e de segurança alimentar, entre outras, trarão mudanças nas regras do comércio mundial de produtos agrícolas, provavelmente como sempre a favor dos ricos.

Nem a FAO nem os governos poderão resolver o problema se não houver claro engajamento das forças vivas dos agricultores desses países e de suas entidades representativas.

Ainda assim a FAO estabeleceu cinco estratégias para garantir a segurança alimentar. São elas:

1. Redução da insegurança alimentar e da pobreza rural

Mantidas as tendências e num cenário muito favorável em 2015, ainda existirão mais de 580 milhões de subnutridos – ironicamente a maioria deles em áreas rurais: famílias de agricultores e trabalhadores do campo, justamente pessoas que têm experiência (conhecimento) mas não têm recursos e infra-estrutura para gerar renda.

A FAO procurará desenvolver programas de capacitação e participação para integrar a população rural pobre na sociedade. E apoiará ações visando ao bom funcionamento dos mercados, à propriedade da terra (incluída a revisão fundiária) e à inserção da mulher rural nas atividades sociais.

2. Incremento da estrutura política e regulatória

Demandas dos consumidores quanto à origem e à qualidade dos alimentos exigem novas regras, especialmente em função do crescimento de mercados independentes. Embora as regras – padronizações, rastreabilidade e certificação – possam representar custos adicionais aos produtores, elas são essenciais à saúde humana. Reconhecendo que o sistema mundial de comércio agrícola deve ser mais livre, transparente e orientado para o mercado, a FAO estimulará os pesquisadores a desenvolverem tecnologias que reduzam os custos das regras e da estrutura política regulatória.

3. Sustentabilidade no suprimento e disponibilidade de alimentos e produtos florestais

O cenário mais provável para 2015 é que será preciso produzir 35% mais do que hoje. Os países pobres precisarão importar comida dos ricos, pois estima-se que 80% do crescimento agrícola virá do aumento da produtividade, o que implica dinheiro disponível para investir em tecnologia adotada por produtores de forma atrativa economicamente e ambientalmente correta. Os pobres não dispõem de tantos recursos.

A biotecnologia terá papel relevante nesse processo que substituirá a Revolução Verde, segundo a FAO, que estará gerando meios, dentro de rigorosas análises de risco, para garantir a segurança do alimento.

4. Conservação, desenvolvimento e uso sustentável dos recursos naturais

Quanto ao uso dos recursos naturais pelas gerações atuais e futuras, as expectativas são pouco animadoras, seja na manutenção dos lençóis freáticos, seja na renovação dos solos, seja no uso às vezes indevido de produtos químicos, seja na ameaça à biodiversidade. A FAO deverá se constituir em um centro de referência sobre recursos naturais e seu manejo, gerando conhecimento e difundindo-o.

5. Informações para tomada de decisão

A FAO gera e dissemina estudos e estatísticas com informações sobre produção, estocagem, nutrição, demandas e qualidade dos alimentos, do pescado e de produtos florestais. Sem tais informações, governos e produtores ficam limitados em suas tomadas de decisão; por isso estimulará os países a criarem seus próprios sistemas de informação de mercados.

As estratégias da FAO espelham excelentes intenções. Mas só se viabilizarão através de ações orquestradas, em que entidades de trabalhadores e de agricultores se somem às dos governos e às da própria FAO.

Caso contrário, serão apenas intenções românticas, enchendo papéis e *sites* eletrônicos, enquanto miseráveis do Terceiro Mundo seguem a dura rotina da fome.

Roberto Rodrigues é engenheiro agrônomo e agricultor, presidente da ACI e da Abag e professor de economia rural da Unesp.